

**A NARRATIVIDADE E A INSTÂNCIA DISCURSIVA “EU”  
EM UM ESTUDO NEUROLINGUÍSTICO SOBRE ALZHEIMER**

*Iva Ribeiro Cota* (UESB)

[ivarcota@gmail.com](mailto:ivarcota@gmail.com)

*Daniely Martins dos Santos Ferraz* (UESB)

[dany\\_msf@hotmail.com](mailto:dany_msf@hotmail.com)

*Nirvana Ferraz Santos Sampaio* (UESB)

[nirvanafs@terra.com.br](mailto:nirvanafs@terra.com.br)

**RESUMO**

Este artigo apresenta dados de um estudo neurolinguístico do sujeito LP, 74 anos, sexo feminino, com diagnóstico de doença de Alzheimer no intuito de analisar os processos de constituição da instância discursiva “eu” através de narrativas da história de vida. Para tanto, utiliza-se um método qualitativo de caráter longitudinal, em acompanhamentos individuais pautados na narratividade por meio dos subsídios teóricos permeados pela Neurolinguística em uma perspectiva enunciativo-discursiva. Os resultados evidenciam os processos que perpassam a relação de LP enquanto sujeito, constituído na e pela linguagem, com a doença. À medida em que narra histórias vividas, marcas singulares são evidenciadas na reconstituição do seu discurso. Enquanto institui o presente formal através do presente inerente à enunciação, que se renova a cada produção de discurso, LP estabelece relações com a memória, configurando um meio para compreensão das dimensões subjetivas do que foi narrado como algo vivido pelo sujeito. Dessa forma, descortinam-se histórias permeadas de significações, de arranjos e rearranjos através de recursos que a língua fornece para o sujeito se manter no processo discursivo.

**Palavras-chave:**

Narratividade. Doença de Alzheimer. Neurolinguística Enunciativo-discursiva.

**ABSTRACT**

This article presents data from a neurolinguistic study of the subject LP, 74 years old, female, diagnosed with Alzheimer’s disease, not intended to analyze the processes of constitution of the “I” discursive instance through life history narratives. For that, a qualitative method of longitudinal character is used, in individual accompaniments based on narrativity through the theoretical subsidies permeated by Neurolinguistics in an enunciative-discursive perspective. The results show the processes that permeate the relationship of LP as a subject, constituted in and by language, with the disease. As he narrates lived stories, singular marks are evidenced in the reconstitution of his speech. While instituting the formal present through the present inherent to the enunciation, which is renewed in each discourse production, LP relations with memory, configuring a means for understanding the subjective dimensions of what was narrated as something experienced by the subject. In this way, stories permeated by meanings, arrangements and rearrangements are revealed through the resources that the language offers for the subject to remain in the discursive process.

**Keywords:**

**Narrativity. Alzheimer's disease. Enunciative-discursive Neurolinguistics.**

## **1. Introdução**

O envelhecimento humano é um processo comum a todos os seres vivos. Mudanças na pirâmide etária em todo o mundo trouxeram consequências para a sociedade e, obviamente, para os indivíduos idosos, devido, entre outros fatores, ao aumento das doenças conhecidas essencialmente como de pessoas idosas, como as demências, por exemplo. Dentre as inúmeras doenças que podem ocasionar a demência, a doença de Alzheimer (DA) corresponde a maior parte das ocorrências diagnosticadas. Indivíduos com DA apresentam alterações cognitivas, de linguagem e de comportamento que se agravam durante o curso da doença. Avaliações clínicas de pacientes com a doença demonstram alterações de fala e de linguagem desde os estágios iniciais.

Dentre os fatores linguísticos, Panhoca (2013) denota que a narrativa é um dos tipos de discurso que mais resiste aos quadros neurológicos. Beilke e Novaes-Pinto (2010) evidenciam que a produção de narrativas tem se constituído um lugar efetivo para se observarem as possibilidades de resgate de eventos ocorridos no passado (as memórias) e se analisarem as dificuldades encontradas pelos sujeitos com DA com os processos linguísticos e cognitivos.

Ao se levar em consideração que a linguagem, em seu caráter constitutivo das vivências humanas, é estruturante do real, do homem enquanto sujeito do seu discurso, em que se ancora na narratividade como forma de (re)constituição da linguagem “patológica” por um idoso demenciado, faz-se importante considerar quais os processos de que o sujeito LP lança mão, por meio de narrativas da sua história de vida, para possibilitar a constituição da self-narrativa<sup>29</sup>. Para tanto, este estudo tem o objetivo de analisar os processos de constituição da instância discursiva “eu” do sujeito LP através de narrativas da história de vida.

Tendo em vista o crescimento do número de idosos em todo o globo e, evidentemente, um aumento proporcional das doenças típicas

---

<sup>29</sup> Este conceito é utilizado por Panhoca (2013) para se referir ao papel das narrativas na construção da identidade pessoal. Para a autora, as narrativas evidenciam, especialmente, dois pontos: eventos do passado (narrativas históricas) e processos imaginativos (narrativas fantásticas). As narrativas estão em constante transformação e, à medida que se configuram, a identidade pessoal vai sendo construída.

dessa fase, observa-se a necessidade de reflexões acerca das implicações sobre a DA, uma vez que faz parte do conjunto das mais importantes doenças comuns na velhice que culminam um declínio funcional e progressivo. Por isso, é imperativo o desenvolvimento de pesquisas que relacionem linguagem e DA e os recursos que resistem posteriormente ao comprometimento cerebral.

Nesse sentido, este artigo apresenta a relação entre cérebro e linguagem na perspectiva dos estudos da Neurolinguística enunciativa-discursiva para fundamentar, na sequência, questões sobre a Narratividade e a constituição do sujeito na e pela linguagem, configurando, na seção seguinte, a metodologia que delinea a coleta e análise de dados. A partir desses pressupostos, apresentam-se dados do sujeito LP e as considerações sobre a narratividade e a instância discursiva “eu” em um estudo sobre Alzheimer.

## **2. *Neurolinguística enunciativa-discursiva: a relação entre cérebro e linguagem***

Um longo caminho foi percorrido desde as primeiras correlações anátomo-funcionais entre cérebro e comportamento humano, realizados pelos egípcios, até o estabelecimento de bases científicas dos distúrbios dos processos mentais na segunda metade do século XIX pelo cientista francês Paul Broca (1824–1880).

Os estudos neurolinguísticos despontam em meio à colaboração tumultuosa entre ciência médica e a ciência linguística nas investigações sobre a cognição humana, linguagem e os processos que perpassam esses fenômenos. Morato (2001) argumenta que não se pode conceber a relação entre cérebro e linguagem como estruturas fechadas e independentes, determinadas de modo apriorístico pela predeterminação biológica ou de maneira inata, mas, em contrapartida, como um sistema dinâmico e flexível “ancorada na inter-relação de diferentes áreas do córtex e na interdependência de múltiplos processos ou funções cognitivas (como memória, linguagem, percepção etc.) que atuam em nossas várias formas de perceber e interpretar o mundo” (MORATO, 2001, p. 144).

Nesse sentido, a base teórica da ciência do cérebro e dos processos mentais sofreu uma alteração radical desde os estudos pioneiros de Broca. De acordo com Luria (1981), a teoria do cérebro foi duramente criticada ao longo do tempo por se basear em conceitos que a aproxima-

vam de certos modelos mecânicos, tendo o propósito de explicar o funcionamento da atividade cerebral por analogia a uma rede telefônica ou a localização de um tecido particular do cérebro responsável por determinadas funções.

Em seus estudos, Luria apresenta um reexame do conceito de “função” utilizada nas pesquisas médicas e neurocientíficas e propõe um novo olhar para esse termo. Segundo o estudioso, nenhuma das formas complexas de atividade mental, aos quais se enquadram a percepção e memorização, gnosias e praxias, fala e pensamento, escrita, leitura e aritmética “pode ser encarada como representando uma ‘faculdade’ isolada ou mesmo indivisível, que seria a ‘função’ direta de um grupo celular limitado ou seria ‘localizada’ em uma área particular do cérebro” (LURIA, 1981, p. 15). O conceito revisado de função como um sistema funcional difere nitidamente da definição de função de um tecido particular.

Nessa perspectiva, as pesquisas pioneiras de Broca são questionadas ao localizar em uma porção cerebral específica a faculdade da linguagem que, anos mais tarde, limitou-se a encará-la como uma área de programação motora, mas não da linguagem, uma vez que os processos mentais superiores possuem uma estrutura particularmente complexa e, diferentemente das formas elementares, não podem ser localizadas em zonas estreitas do córtex cerebral.

Em sua tese de doutoramento (1986) e posterior publicação do livro *Diário de Narciso: Discurso e Afasia* (1988), Maria Irma Hadler Coudry inaugura um novo caminho teórico-metodológico assentado em uma neurolinguística de orientação discursiva dos estudos que relacionam linguagem e cognição. Ao longo desses anos, Coudry desenvolveu uma série de pesquisas no Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, baseados em acompanhamento longitudinal de sujeitos afásicos, em que se avaliam a linguagem em funcionamento, enquanto processo e a relação do sujeito com e sobre a linguagem. Sampaio (2010, p. 5) considera que “os estudos que se ancoram nessa tradição discursiva trabalham em meio a experiências discursivas, que tenham lógica para as pessoas da nossa sociedade”.

Embora os trabalhos sobre Neurolinguística enunciativo-discursiva se fundamentem nos estudos das afasias, veremos que nos últimos anos há uma corrente de estudiosos, especialmente Rosana do Carmo Novaes Pinto, Hudson Marcel Bracher Beilke (2007, 2008, 2009, 2010) e Ivone Panhoca (2013), preocupados em compreender e explicar os distúrbios

de linguagem e sua relação com cérebro e atividade cognitiva nos processos demenciais.

As pesquisas neurolinguísticas sobre afasia parecem apontar caminhos que conduzem a bases teóricas consolidadas para o estudo das demências, ao passo que a natureza dos sintomas das afasias e das alterações de linguagem nas demências sugerem ser de ordens distintas, a literatura concorda que ambas apresentam sintomas neurolinguísticos semelhantes: anomia, dificuldades para encontrar palavras, produção de parafasias, presença de ecolalias, repetições, confabulações, etc. (COUDRY; MORATO, 1990), além disso, observa-se a relevância da narrativa para se analisar esses sintomas em meio a construção de identidade pessoal.

### **3. *Narratividade e a constituição do sujeito na e pela linguagem***

Neste trabalho, aborda-se a narrativa como forma de reconstituição da linguagem de um idoso demenciado, em que representa uma atividade interativa e complexa de produção de sentidos através da mobilização de um vasto conjunto de saberes no momento da interação que possibilitam que os sujeitos se tornem visíveis para eles mesmos.

De acordo com Cunha (1997), as narrativas dos sujeitos refletem as formas pelas quais eles apreendem a realidade, estando, portanto, preñes de significados e interpretações. Seguindo esse raciocínio, Polkinghorne (1988) argumenta que as pessoas se autoconcebem – e concebem umas às outras – em termos de uma história. E as histórias pessoais são, sempre e de alguma forma, parte do estoque geral de histórias da cultura; do estoque de histórias que mostram como as vidas têm se encaminhado. Sob forma de narrativa, essas histórias vêm – de alguma forma – entrelaçadas, dando sentido, efeito e valor à vida.

Marcuschi (1991) aponta que os idosos utilizam estratégias em contextos de interação verbal com o intuito de resistir e preservar sua imagem social no processo natural de envelhecimento. Veremos que, no caso dos idosos com algum tipo de demência, a narrativa constitui uma dessas estratégias, possivelmente por ser um dos tipos de discurso que mais resiste aos quadros neurológicos, assim como ressalva Panhoca (2013).

A narrativa, como parte integrante da interação humana, dá forma ao conteúdo vivido através de histórias relatadas. Para Panhoca (2013), a

[...] narrativa além de enfocar eventos passados (narrativas históricas) e de permitir que a pessoa se veja e se mostre, através de processos imaginativos (narrativas fantásticas), dá forma à identidade pessoal. A narrativa revisa, seleciona e ordena detalhes, podendo constituir-se em uma self-narrativa que justifica e esclarece a condição e a situação de quem a narra. À medida que novos elementos vão sendo adicionados às nossas vidas, as narrativas vão se configurando e nossa identidade pessoal vai sendo construída. (PANHOCA, 2013, p. 879)

De acordo com Beilke e Novaes-Pinto (2010), a construção de uma narrativa demanda uma (re)organização tanto das estruturas linguísticas (escolha lexical, encadeamento, uso de verbos no passado, apresentação de algo inédito que valha a pena ser contado, etc.), quanto dos fatos – das memórias – a serem narrados (reais ou fictícios).

Em seus estudos sobre enunciação e subjetividade na linguagem, Benveniste (1966; 1976) ressalta que a linguagem está de tal forma organizada que permite a cada locutor apropriar-se de índices específicos produzidos na e pela enunciação, como a temporalidade, os indicadores da *dêixis*, os índices de pessoa (a relação *eu-tu*), que servem como subsídios para revelar a subjetividade na linguagem. A existência desses índices implica o seu valor social, cultural e histórico que são demarcados através de fatos narrados e impressos na linguagem. E nos fundamentamos na Teoria da Enunciação que preconiza que não atingimos o homem dissociado da linguagem, pois “é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem” (BENVENISTE, 1966, p. 285).

Benveniste (1966) postula, ainda, a existência de um conjunto de instrumentos em que o locutor se apropria para realizar o ato enunciativo e que se configuram como ferramentas decisivas para a compreensão da noção de temporalidade da sua teoria. Para esse estudioso, o homem se coloca no mundo como sujeito na e pela língua e esse domínio é marcado pela temporalidade. Falar do passado através do presente por meio de narrativas revela a natureza sui-referencial do tempo linguístico, pois “o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o ‘agora’ e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo” (BENVENISTE, 1976, p. 85). Desse modo, o ato de narrar faz com que continuidade e temporalidade se engrenem no presente contínuo e coextensivo da enunciação.

Para tratarmos das singularidades linguístico-discursivas de um idoso demenciado, compreendendo os processos que perpassam a sua apropriação enquanto sujeito, constituído na e pela linguagem por meio de

narrativas de histórias de vida, é indispensável a imersão nos aspectos que atravessam o envelhecimento humano e os processos demenciais, a fim de estabelecer uma relação mais precisa entre a patologia (DA) e as dificuldades encontradas com a linguagem no processo de produção das narrativas.

#### **4. Metodologia**

Este artigo sistematiza e apresenta inferências desenvolvidas por Ferraz (2019), uma das autoras deste trabalho, na dissertação de mestrado intitulada *A instância discursiva “eu” nas narrativas do sujeito LP*, destacando aspectos da narratividade que sobredouram as questões da doença de Alzheimer. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa e caráter longitudinal, desenvolvido em 25 sessões com o sujeito, que subsidiariam as narrativas de histórias de vida através de resgates de memória.

Utilizou-se o critério de saturação de Minayo (2006) para estabelecer o fechamento ou interrompimento da coleta de dados, em que elementos substancialmente novos não aparecem dentro do campo de investigação que possam subsidiar a pesquisa, ou seja, a apreensão de novos dados não traria mais esclarecimentos para o objeto estudado. Consonante a essa ideia, Fontanella, Ricas e Turato (2008, p. 17) evidenciam que a “amostragem por saturação é uma ferramenta conceitual de inequívoca aplicabilidade prática, podendo, a partir de sucessivas análises paralelas à coleta de dados, nortear sua finalização”.

Desse modo, o critério de saturação atravessou todo o processo de captação e compreensão do funcionamento da narratividade de LP após dano neurológico, entendendo o avançar do processo demencial sobre a linguagem e memória do sujeito e as estratégias que utiliza para “driblar” as dificuldades encontradas.

Ao final das 25 sessões, foi estabelecido o fechamento provisório, como denomina Minayo (2017, p. 9), ao passo que “quem faz pesquisa qualitativa trabalha com a ideia de que ciência se faz por aproximações e de que as investigações seguem e se aprofundam no futuro com ele ou com outros pesquisadores”.

Dessa forma, este trabalho baseia-se em dados de acompanhamento do sujeito LP, sexo feminino, 74 anos, brasileira, que há 6 anos recebeu o diagnóstico de DA. A idosa foi encaminhada para estudo neurolin-

guístico pela geriatra que a acompanha desde o diagnóstico. LP faz uso de medicamentos para retardar a progressão dos sintomas da doença e não possui nenhuma comorbidade clínica.

Em relação aos aspectos legais da ética em pesquisa com seres humanos, este trabalho foi desenvolvido mediante a aprovação do Comitê de Ética da Universidade Estadual de Santa Cruz, através do parecer de número 3.218.741. As sessões foram gravadas após autorização da filha CTN e de LP e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do responsável, do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido do participante e do Termo de Autorização de Uso de Imagem e Depoimentos.

Os encontros ocorreram no Laboratório de Pesquisa e Estudos em Neurolinguística (LAPEN), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e foram pautados em uma perspectiva enunciativo-discursiva da narratividade de histórias de vida e resgates de memórias, pois, assim como afirma Panhoca (2013, p. 882), as narrativas “instauram a possibilidade da singularidade, na medida em que os dados que emergem revelam como o sujeito que narra – e apenas ele – posiciona-se no mundo e como ele se relaciona com o outro, com sua própria história e consigo mesmo”.

As sessões foram transcritas levando em consideração o modelo de registro do Banco de Dados em Neurolinguística (BDN)<sup>30</sup>, que é uma ferramenta metodológica que possui um papel imprescindível para dar visibilidade ao acontecimento discursivo, através da representação dos dados produzidos por um sujeito demenciado, no caso específico desta pesquisa. O BDN é, portanto, um sistema que auxilia o investigador a transcrever os dados e, sobretudo, a identificar dados que poderiam estar ocultos e que oferecem indícios importantes a respeito da relação do sujeito com a linguagem e o caráter organizador da linguagem após comprometimento cerebral. Tal feito requer uma atitude contemplativa por parte do investigador que se “desloca do acontecimento discursivo (do

---

<sup>30</sup> O BDN vem se desenvolvendo desde 1996 objetivando, especialmente, a transcrição, o armazenamento e a busca de dados produzidos em sessões individuais e em grupo do Centro de Convivência de Afásicos (CCA/UNICAMP) e do Centro de Convivência de Linguagens (CCazinho/UNICAMP). Para demonstrar a dinâmica das situações dialógicas verbais e não verbais, o BDN dispõe de um sistema de notação e codificação, além de um sistema aberto de busca fundamentado em categorias descritivas para auxiliar a identificação dos dados (FREIRE; COUDRY, 2016).



então presente) para o evento discursivo (o passado e o que dele restou)” (FREIRE; COUDRY, 2016, p. 368).

Após ajustes para contemplar os objetivos das investigadoras, a tabela do BDN resumiu-se em cinco colunas que consistem em numeração dos enunciados, sigla do locutor, transcrições, observações sobre condições do enunciado verbal e observações sobre condições do enunciado não verbal. Abaixo, apresentamos o modelo de registro utilizado:

QUADRO 1: Modelo de registro.

<b>Código</b>	<b>Finalidade</b>
Sigla do locutor	LP (sujeito) Idf (investigadora)
/	Pausa breve
//	Pausa longa
( )	Trecho incompreensível
?	Pergunta
!	Afirmação
‘ ’	Aumento do tom de voz
“ ”	Mudança do tom de voz
...	Interrupção

Fonte: Daniely Martins dos Santos Ferraz apresentada em dissertação (2019).

## 5. *Alguns dados em Neurolinguística*

Esta seção destina-se a apresentar algumas análises de dados retirados de recortes da narrativa da história de vida do sujeito LP. Discute-se sobre o funcionamento da linguagem do sujeito e os artifícios que ele lança mão para apropriar do seu discurso e se manter no diálogo. Para tanto, fundamenta-se na Teoria da Enunciação postulada por Benveniste. Vejamos os recortes de episódios abaixo:

### 5.1. *Situação enunciativa-discursiva 02/03/2018*

No episódio dialógico abaixo, estavam presentes LP e a investigadora Idf. A idosa relata a dificuldade em lembrar-se das coisas por conta do “problema de esquecimento”. LP geralmente oscila ao relatar o seu “problema”: algumas vezes afirma que está melhorando e que não esquece mais onde guardou os objetos em casa, outras vezes descreve que tem piorado, não podendo mais sair sozinha. Ao final do trecho, narra um episódio no qual conseguiu sair de casa escondida. LP se perdeu

na rua, mas foi encontrada e levada para casa por um conhecido da família.

Quadro 2: “Problema” de esquecimento.

Turno	Sigla do locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
1	Idf	A senhora nem tá lembrada de mim, né?		
2	LP	Hein?		
3	Idf	A senhora tá nem lembrada de mim, tá não?		
4	LP	Tô, ouxe ( ) não esqueço.		
5	Idf	A senhora me viu essa semana?		
6	LP	Hein?		
7	Idf	A senhora me viu essa semana?		
8	LP	Essa semana eu não me lembro, né, tô com problema de esquecimento. Eu vim aqui?		
9	Idf	Hoje é sexta-feira...		
10	LP	Hã.		
11	Idf	Terça-feira a senhora tava aqui com CTN.		
12	LP	Ah, tô com problema de esquecimento, minha fia, que não sei o que vou fazer, tem hora que dá um branco assim...	Risos.	
13	Idf	E tá esquecendo muito? A senhora tá esquecendo muito?		
14	LP	Às vezes, eu esquece muito, né, num tô podendo nem andar sozinha.		
15	Idf	Tem que andar sempre acompanhada, né?		
16	LP	É! Que eu gostava sempre de andar sozinha, minha mãe ( ) agora num posso mais. Um dia eu saí, aí foi preciso uma pessoa me levar em casa, né, que eu num acertei mais voltar.		

Fonte: Transcrição de Daniely Martins dos Santos Ferraz apresentada em dissertação FERRAZ (2019).

Podemos observar que, após ser questionada pela investigadora se recorda-se dela, LP diz prontamente que se lembra, como transcrito no turno 4. Tal situação, conforme aponta Marcuschi (1991), evidencia as estratégias utilizadas pelos idosos em contextos de interação verbal como atividades que demonstram a capacidade do sujeito em resistir e preservar sua imagem social. No caso específico de LP que atravessa um quadro demencial, nota-se que, mesmo não lembrando se conhecia aquela pessoa, responde em tom afirmativo “tô” seguido de “ouxe, não esqueço”, possivelmente querendo demonstrar que não poderia ter esquecido uma informação que parecia óbvia.

Quando a investigadora é mais específica na pergunta, LP afirma não se lembrar se a encontrou naquela semana (turno 8) por conta do seu problema de esquecimento e, logo após, pergunta se esteve naquele local, demonstrando que realmente não havia conseguido fazer o resgate da informação. Quando pergunta “eu vim aqui?”, LP se apresenta como sujeito remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso. Percebemos que a idosa se estabelece como *eu* dirigindo-se a investigadora que é seu alocutário na situação do diálogo, suscitando-lhe uma resposta.

Na mesma pergunta, ao proferir o advérbio *aqui*, LP delimita a instância espacial e temporal que se relaciona a instância discursiva *eu*. Mesmo não sabendo onde é *aqui*, a idosa demarca uma localização que, para ela, é estranha, mas se utiliza desse mecanismo para tentar responder a pergunta anterior da investigadora: “a senhora me viu essa semana?” (turno 7). Dessa forma, perguntar se já esteve naquele lugar, suscitaria uma resposta da investigadora que, além de responder o que foi perguntado, também apontaria a LP se a viu ou não. A pergunta da idosa constitui a realização de um complexo esforço cognitivo e linguístico, através da sua prática discursiva que lhe oferecia evidências a pergunta feita no turno 7 (se esteve no local, provavelmente viu a investigadora, se não esteve, certamente não a viu), demonstrando o seu empenho em manter-se no diálogo mesmo encontrando dificuldades no resgate de algumas memórias.

Nos turnos 14 e 16, nota-se que o processo dialógico foi fundamental para o resgate da informação do passado de LP, no qual enunciar “*num tô podendo nem andar sozinha*” remeteu a uma lembrança de algo que gostava de fazer e que está relacionado ao enunciado do turno 14.

Conforme aponta Beilke e Novaes-Pinto (2010), para que memórias sejam formadas e, posteriormente, “resgatadas”, é preciso que se

construam sentidos. Esses autores enfatizam que a construção de uma narrativa demanda uma (re)organização tanto das estruturas linguísticas, quanto dos fatos – das memórias.

No turno 16, percebe-se que LP faz a escolhas lexicais apropriadas, utiliza o verbo no passado “gostava” para se referir ao tempo em que morava na roça, pois enuncia sobre sua mãe. Logo após, complementa a sua enunciação dizendo “um dia eu saí, aí foi preciso uma pessoa me levar em casa, né, que eu num acertei mais voltar”, dando seguimento à narrativa iniciada no turno 14 e fazendo referência a pergunta da investigadora realizada no turno 15.

O que se pode sublinhar nesse contexto é que LP opera sobre o material linguístico que tem a sua disposição e, como denota Panhoca (2013), realiza escolhas significativas para representar estados, emoções e pensamentos, através de um encadeamento claro de ideias para seu alocutário, o que obedece ao fluxo narrativo.

## 5.2. Situação enunciativa-discursiva 19/01/2018

No quadro 3, observa-se o trecho de um diálogo entre LP, Idf, pesquisadora, CTN, sua filha e AC, neta da idosa e sobrinha de CTN. Neste momento, falávamos sobre os netos de LP. AC, sua neta mais velha, é a que convive mais tempo com a avó. TN, citada na conversa, é uma das filhas de LP, mãe de AC.

Quadro 3: A neta.

Tur no	Sigla do locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal.	Observações sobre enunciado não verbal
1	Idf	Essa é a netinha mais velha da senhora?		Aponta para AC.
2	LP	Essa aí?		
3	Idf	É!		
4	LP	É! A neta mais nova.		
5	Idf	É a mais velha?		
6	LP	É a mais nova, né? É CTN?	Olha para CTN e sorrir.	
7	CTN			Balança a cabeça negando.
8	LP	Não? É a cabeça minha, já tá caducando.	Risos.	
9	Idf	Oh, Dona LP, TN tem quan-		

		tos filhos?		
10	<b>LP</b>	TN?		
11	Idf	É! Tem ela		Aponta para AC.
12	<b>LP</b>	TN? Acho que é cinco ou seis, não tô lembrada não!	Risos.	
13	Idf	A senhora não lembra não?		
14	<b>LP</b>	Lembro não!		
15	Idf	AC tem irmãos?		
16	<b>LP</b>	Tem não, o irmão dela morreu.	Risos.	

Fonte: Transcrição de Daniely Martins dos Santos Ferraz apresentada em dissertação FERRAZ (2019).

LP, no turno 2, emprega o pronome demonstrativo “essa” e o advérbio de lugar “ai” para se referir a neta que estava próxima. A idosa identifica o sujeito ao qual se refere por um indicador de ostensão simultânea a presente instância de discurso que, de acordo com Benveniste (1966), constitui o traço que une *eu/tu* através de um processo de dupla instância: *eu* como referente, sendo o indivíduo que enuncia o discurso que contém a instância linguística *eu*, e instância de discurso contendo *eu*, como referido, pois introduz o indivíduo alocutado na presente instância de discurso a instância linguística *tu*. LP é referente, pois utiliza marcadores dêiticos para designar o sujeito que está no mesmo ambiente e é referido, pois instaura a presença do outro em seu discurso.

Ao responder à pergunta da investigadora no turno 4 “é! A neta mais nova” e ser questionada novamente, LP reforça o que foi dito anteriormente, mas solicita a ajuda da filha para sustentar a afirmação realizada nos turnos 4 e 6, por meio de dois processos: o primeiro acontece quando LP se declara como locutor e assume a língua, implantando o outro diante de si, seja qual for o grau de presença que ela atribua a este outro.

De acordo com Benveniste (1966), toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocução, ela postula um alocutário; o segundo processo ocorre quando LP, enquanto enunciador, se serve da língua para influenciar de algum modo o comportamento do alocutário através do emprego de uma sentença na interrogativa, sendo uma enunciação construída para suscitar uma “resposta”, por um processo linguístico que é ao mesmo tempo um comportamento com dupla entrada, ou seja, a medida que a idosa se direciona a CTN, seu alocutário, espera receber uma resposta de retorno.

Quando CTN responde a sua pergunta, LP realiza um complexo trabalho cognitivo, no qual estabelece uma relação entre um signo não verbal (CTN balança a cabeça negando) e aquilo a que remete (que AC não é a neta mais nova), através de toda uma rede de significação associada a esse signo. Certamente, LP utiliza o enunciado e as memórias do outro para minimizar as dificuldades com a linguagem e memória decorrentes do seu “problema de esquecimento”. Nota-se, nos encontros em que sua filha está presente, que a idosa frequentemente solicita a sua ajuda para a sustentação da sua fala. Para Panhoca (2013), diante das dificuldades de memória, um recurso bastante explorado pelos idosos é a menção ao outro como uma estratégia de apoio diante dos obstáculos linguísticos, como sendo uma espécie de “memória externa” do sujeito, como denominado pela autora.

Conforme afirma Benveniste (1976), o que caracteriza a enunciação é a acentuação da relação discursiva com o parceiro. Em forma de discurso, a enunciação coloca duas figuras igualmente necessárias, constituindo a estrutura do diálogo. Toda enunciação é sempre diálogo, seja individual ou coletivo; assim, todo enunciado é sempre um enunciado de alguém para alguém. LP, à medida que sustenta sua enunciação na enunciação do outro, introduzindo aquele que fala em sua fala, constrói progressivamente uma nova configuração, enriquecendo-se com novos aspectos e propriedades, suprimindo aspectos anteriores ou ignorando outros possíveis, que vão sendo modificados, desativados e reativados, complementando-se discursivamente na fala do outro. Consonante a essa ideia, Franchi (1977) ressalta que a linguagem é um trabalho de construção coletivo, no qual cada indivíduo se identifica com outros e a eles se contrapõe, exercendo suas opções solitárias.

Pode-se observar nos turnos 12, “TN? Acho que é cinco ou seis, não tô lembrada não!”, e 16, “tem não, o irmão dela morreu”, certa desorientação temporal em LP, uma vez que, em ambos os turnos, remonta sua história como a história do outro (LP tem cinco filhos e anteriormente a essa conversa, a idosa relatava sobre a morte de um irmão). Esse fato pode ser atribuído ao avançar da doença, ao passo que desorientação espaço-temporal e dificuldades em distinguir eventos do presente e do passado são sintomas da DA, principalmente na fase moderada em que LP se encontra. No entanto, embora não se desconsiderem as dificuldades linguísticas e cognitivas enfrentadas pela idosa, especialmente o comprometimento da memória e de algumas habilidades mentais superiores,

como a atenção, situamos a linguagem como uma atividade de significação que constitui a realidade humana e que resiste ao dano neurológico.

Desse modo, verifica-se que LP apresenta uma noção de presente que é demarcada por sua linguagem e utiliza um conjunto de instrumentos enquanto locutor para realizar o ato enunciativo no aqui e agora, como os indicadores dêiticos, a instância discursiva *eu/tu* postulados por Benveniste. À medida que a idosa narra suas histórias de vida, institui o presente formal através do presente inerente à enunciação, que se renova a cada produção de discurso.

Segundo Benveniste (1976, p. 85), o presente é “esta presença no mundo que somente o ato da enunciação torna possível (...) o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o ‘agora’ e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo”. Apesar de LP ter dificuldades em distinguir de forma clara eventos do passado, observa-se que há uma delimitação do que é presente e do que já não é mais, ainda que esse “não presente” se apresente confuso para ela. LP vai imprimindo sua subjetividade inerente ao exercício da linguagem, os artifícios de arranjos, de construção de sentidos, por meio da organização linguística da noção de tempo.

## **6. Considerações finais**

Para compreender a linguagem do sujeito com demência, é necessário considerar todas as situações que envolvem a vida diária desse indivíduo, sua esfera social, cultural e biológica, antes de avaliar sua linguagem como patológica através de normas gerais que reduzem as marcas constitutivas da linguagem humana.

Através da pesquisa desenvolvida foi possível compreender o funcionamento linguístico-discursivo do sujeito LP e os processos de que lança mão para apropriar-se da língua, por meio de artifícios de negociações e reorganizações das memórias a partir da sua narratividade. Os dados apresentam indícios singulares e valiosos para o entendimento da “(re)descoberta” após diagnóstico de uma idosa frente aos desafios linguísticos e cognitivos diante da patologia para se manter como um sujeito falante.

No que tange ao processo de constituição da instância discursiva “eu” através de narrativas da história de vida, os resultados puderam confirmar que o sujeito LP organiza sua narrativa por conta própria, obede-

cendo as leis de referência interna da linguagem, inserindo novos elementos as histórias que vão construindo a sua identidade pessoal, a forma como apreende o mundo e a relação com o outro, através de mecanismos que revisam, selecionam e ordenam os detalhes do seu discurso, constituindo sua *self*-narrativa que justifica e esclarece a condição de uma idosa utilizando a língua em meio ao processo demencial.

Além disso, nota-se, a partir dos recortes, que a idosa se apoia na fala dos seus interlocutores para sustentação da sua fala, como uma estratégia de “suporte” diante dos obstáculos linguísticos, introduzindo aquele que fala em sua fala. Tal fato nos aponta para a importância dos interlocutores na reorganização e reconstrução das memórias por meio de narrativas em contextos enunciativos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEILKE, H. M. B. *Linguagem e Memória na Demência de Alzheimer- Contribuições da Neurolinguística para a Avaliação da Linguagem*. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.136f.

\_\_\_\_\_; NOVAES-PINTO, R. C. On the relation Language-Memory: considerations based on the linguistic analysis of data of patients with the diagnosis of Alzheimer’s Dementia. *III Composium Internacional da IALP* (International Association of Logopedics and Phoniatics). *Anais do II Composium Internacional da IALP*, São Paulo, 2007.

\_\_\_\_\_. A narrativa na demência de Alzheimer: reorganização da linguagem e das “memórias” por meio de práticas dialógicas. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 39, n. 2. p. 557-67, 2010.

BENVENISTE, É. *Problemas de Linguística Geral*. Trad. de Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri; revisão do Prof. Isaac Nicolau Salum, 4. ed. Campinas-SP: Pontes, 1995 [1966].

\_\_\_\_\_. *Problemas de Linguística Geral II*. Trad. de Eduardo Guimarães *et al.*; revisão técnica da tradução Eduardo Guimarães. Campinas-SP: Pontes, 1989 [1976].

COUDRY, M. I. H. *Diário de Narciso: discurso e afasia: análise discursiva de interlocuções com afásicos*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001 [1988].



\_\_\_\_\_; MORATO E. M. Alterações neurolingüísticas na Demência do tipo Alzheimer. *Congresso Brasileiro de Psiquiatria Biologica*, 1990.

CUNHA, M. I. Conta-me agora! – as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. *Rev. Fac. Educ.*, v. 23, n. 1-2, São Paulo, 1997.

FERRAZ, D. M. S. *A instância discursiva “eu” nas narrativas do sujeito LP*. (Dissertação de Mestrado) Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB): Vitória da Conquista, BA, 2019.

FONTANELLA, B. J. B; RICAS, J; TURATO, E. R. *Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas*. *Cad. Saúde Pública*, 24(1):17-27, Rio de Janeiro, 2008.

FRANCHI, C. Linguagem – Atividade Constitutiva. *Almanaque*, 5. p. 9-27, São Paulo: Brasiliense, 1977.

FREIRE, F. M. P; COUDRY, M. I. H. Banco de Dados de Neurolingüística: ver, analisar, intervir, teorizar. *Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa*, v. 3, Portugal, p. 367-76, 2016.

LURIA, A. R. *Fundamentos de Neuropsicologia*. São Paulo: USP, 1981.

MARCUSCHI, L. A. Apresentação. In: PRETI, D. *A linguagem dos idosos*. São Paulo: Contexto, 1991. p. 9-13,

MINAYO, M. C. S. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. *Revista Pesquisa Qualitativa*, v. 5, n. 7, p. 1-12, São Paulo-SP, abril. 2017.

\_\_\_\_\_. Desafio do Conhecimento. *Pesquisa Qualitativa em Saúde*. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

MORATO, E. M. Neurolingüística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001, p. 143-69

NOVAES-PINTO, R. C; BEILKE, H. M. B. Avaliação de linguagem na Demência de Alzheimer. *Estudos da Língua(gem)*, v. 6, n. 2 p. 97-126, 2008.

PANHOCA, I. Histórias de vida de pessoas com Doença de Alzheimer: Linguagem e presença de sujeito. *Estudos Linguísticos*, 42 (2): p. 878-88, São Paulo, maio-ago 2013.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

POLKINGHORNE, D. E. Narrative Knowing and the human sciences. Albany, *NY State University of New York Press*, p. 232, 1988.

SAMPAIO, N. F. S. Alguns aspectos relacionados ao funcionamento da linguagem no envelhecimento. *Web revista discursividade*, 7 de dezembro de 2010.